



Director literario:

Albuquerque
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Malta
 PAPUSSE

"Jójó" e o Mar-Papão



Versos por GRACIETTE BRANCO
 Desenho de EDUARDO MALTA

FOI na praia; meio-dia.
 O mar subia, subia,
 em rugidos de papão...
 suas franjas — alvas teias,
 tecidas pelas sereias
 quebravam-se nas areias,
 desfiavam-se... — e então:

Já lhe ralhara a Mamã,
 já lhe ralhara o Papá,

até a linda irmãzinha,
 (uma loira criancinha)
 lhe dissera: — «esta manhã
 Não vá para o mar! Não vá!...»

Mas o menino teimava...
 E' que andava,
 mesmo à bordinha do mar,
 a construir — que alegria! —
 um barquinho,
 maneirinho,

para depois se sentar
e guiar
pelo infinito mar
da sua fantasia!

Já os outros meninos
pequenos,
companheiros do Jójó,
o tinham deixado só,
a construir o barquinho!
Suas Mamãs, tinham dito
com voz de brando carinho:
«Venham p'r'aqui, que estão más
as ondas do mar bemdito. . .»
—e eles foram, que assim faz
Todo o menino bonito.

Só o Jójó, que era mau,
lá andava — táu-táu-táu,
batendo com a frágil pá
nas paredes do barquinho...

«Jójó, Jójó, olha o mar!...»—
gritava ao longe o Papá...
Mas o menino, teimoso,
sonsinho,
lá ia sempre ficando...
emtanto o mar rancoroso
ia avançando... avançando...]

Mais um retoque
ao fundo ;
Mais uma pá d'areia...
Ai! Lá vai esta a terra!...
Pronto! Pronto! Já berra!
Já por mim chama a sereia!
[Meu barco grande e profundo,
vais vogar em maré-cheia!
Podes levar a reboque
todos os barcos do mundo...]

Sbitamente — horrôr!
emudece o menino!
Tomba, rebola, curva,
em 'spasmos de terrôr,
a cabecita e o corpo pequenino
envolto num lençol de vaga turva!

— «Jójó! Jójó-ó-ó-ó!»
E da praia,
o povo se espraia,
e alguém vai ao mar...
E' o Pai do pequenino,

porque a Mãe,
eis que desmaia também
mal que desmaia o menino...
*
*
*

Meia-noite, talvez, Dorme Jójó,
no seu leito de penas e de arminho...
segreda, baixo, o Papá
e o maternal carinho:

—«O' meu amor, faze ó-ó...
melhor que ó-ó, nada ha...»

Mas Jójó não dorme, não,
embora
tenha os olhinhos fechados,
cerrados,
e sôbre a fronha
abandonada a mão:
Jójó não dorme nem sonha...
apenas reza, murmura,
esta cândida oração:

«Nosso Senhor
perdôe o feio pecado
que o menino hoje fez;
de não ter logo deixado,
(logo à primeira vez
que a mãesinha chamou)
o barquinho engraçado
(coitado!)
que o Senhor-Mar papou!
Se o menino tivesse obedecido
já não teria ido,
tão-ba-la-lão,
num turbilhão,
levado,
roubado
p'lo Senhor-Mar que fazia Zum-Zum...
como um
papão!...

O Menino não torna a fazer tal
para Nossa Senhora ser amiga,
e pousar nêle os olhos piedosos...
porque afinal
Nosso Senhor castiga
os meninos teimosos!!
Que o meu feio pecado
faça luz,
ao menino que fôr mal educado,
para jamais fazer pecado assim...
Amen, Jesus!...

E Jójó, socegado,
adormeceu, emfim...



A TRISTE AVENTURA DE FREI BARNABÉ



ERA uma vez um homem, uma mulher e um frade. O homem chamava-se António e era moleiro de seu ofício, e como desde pequeno passara muita fome, acostumara-se a julgar que os outros podiam andar como ele, sempre a apertar o cós das calças. A mulher chamava-se Domingas e era tão feia, tão feia que toda a gente lhe chamava a *tia barbuda*. O frade era um velho amigo da casa, padrinho duma data de meninos, que o

moleiro com a sua mania de pôr tudo a trabalhar estafara em poucos anos de serviço e de pau.

Vivia este santo casal muito sósinho porque o moinho era longe da cidade num monte e só, como vizinha, tinha um convento onde vivia o tal frade. Mas nem por isso o tio António se desgostava — assim dizia êle muitas vezes enquanto ceava, estava muito mais livre de todos aqueles massadores que se metem na casa-dê cada um e só servem para comer tudo deixando ao dono as migalhas. Mas a sr.^a Domingas, que já com o ser velha era rabujenta, achava que o marido era sovina demais e todos os dias lhe dizia:

— Oh homem isto *intê* brada ao céu; está aqui a gente como os selvagens sem falar com ninguém, para quê?

— Deixa lá mulher, dizia o marido muito massado: a gente lá na outra vida não faz senão andar de carruagem e falar com os santos e as santas.

— Mas ó António, para que é que a gente tem tanta moeda na gaveta?

O marido vinha sempre, — que podia haver uma doença — e como a mulher começasse a choramingar, êle não estava para ineias medidas, tosava-a tanto que ela achava que o melhor que tinha era calar-se, para chegar inteira ao dia de juízo.

Ela um dia, como chegasse o tempo do Natal, e como havia umas boas três semanas que não levava para o seu tabaco, começou com muitas doçuras a dizer que era tempo de darem um mimozinho ao sr. frade que fôra compadre uma data de vezes, e que sempre fizera tudo pelo amor de Deus.

O homem que estava de muito mau humor, virou-se para ela e perguntou-lhe muito aborrecido.

— António que se ha-de fazer, ora dize lá?

Ela sorriu, mas logo que viu a feia carantonha do moleiro disse que se podia arranjar umas consoadas melhores, deitar mais um naco de toucinho na sopa, matar o capão que estava a engordar ha um *rôr* de tempo, e fazer uns papinhos de freira porque ela bem se lembrava do tempo em que andava como servente no convento.

O homem achou muita graça, mas como a *tia barbuda*, disse que aquilo custava para aí uns tostõezinhos a mais, encheu-se de furor, foi buscar o melhor marmeleiro que ti-

nha para varejar as azeitonas, e deu na mulher até não poder mais. Já viram uma cousa assim, gastar uma fortuna, que podia servir para comprar mais uma mó, e dez varas de lona para fazer umas velas novas! A mulher tanto medo apanhou que jurou a Nossa Senhora, nunca mais falar em tal.

Mas como aquilo se lhe tinha metido na cabeça e nunca mais saía, ela pensou que melhor era aproveitar um dia em que o homem estivesse fóra, por via dos seus afazeres, e ela pagava então com uma prova de reconhecimento toda a canceira do frade.

Muito caladinha foi fazendo as suas economias roubando um pouco de farinha, dizendo que a carne custava *tanto* guardando a demasia, e assim arranjou quinhentos e sessenta réis, que naquele tempo era muito, e chegava para uma boda de baptisado, e quando numa terça-feira gorda o marido saíu a comprar mais trigo para moer, ela saíu a fazer as

Continua na página 6



AS PARTIDAS DA PRINCESINHA LIRÚ

CONTO E DESENHOS

DE

EDUARDO MALTA

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)



logo à tardinha, o Príncipe, na esperança de sua prima não lhe fazer mais partidas, foi com um saco para o canto do jardim. Como passada meia hora o tal pássaro, raro e lindo, que daria felicidade a quem o tivesse engaiolado, ainda não chegasse, o Príncipe começou a cantar. Ouviram-se, então, uns ligeiros ruídos e o Príncipe alegrou-se julgando que era o Piopardo que já andava perto. Enganava-se, pois quem tinha feito barulho era a Princesinha que

encostara uma escada ao outro lado do muro. Em seguida, subiu a escada com um regador na mão e, quando o Príncipe menos esperava, zás, a Princesa, despejou-lhe a água do regador por cima. O Príncipe com esta nova partida ficou como tolo e, muito encolhido, molhado como um pinto, foi mudar de roupa ao seu quarto. Quando chegou lá, tinha sobre a mesinha de cabeceira, um papel escrito à pressa que dizia:

Quem na Lirú se fiou,
Em parvinho se tornou!

E o príncipe jurou, pela primeira vez, vingar-se.

E todos os dias, daí por diante, a Princesinha Lirú fazia uma partida ao Príncipe Sisudo e, ele jurava por todas as coisas que mais amava, que um dia se vingaria. Assim passaram os meses, assim passaram os anos, até que cresceram tanto, que já estavam na idade de casar. Então, os pais do Príncipe, da Princesinha e da restante família real, reunida em conselho e depois de pensarem maduramente, resolveram casar os dois primos. O Príncipe e a Princesa ao saberem a decisão da família, ficaram muito contentes com a nova. A Princesa começou logo a pensar na partida, a maior de todas, que havia de fazer ao Príncipe, na noite do casamento. O Príncipe, então, pôs-se a cogitar a maneira como se vingaria, na noite em que casasse, dos centos de partidas que sua prima Lirú lhe tinha feito. As bodas foram marcadas para breve. Depois de feitos os enxovais, de andarem arautos por todo o país anunciando o casamento, de chegarem reis e grandes personagens estrangeiros, chegou o dia marcado. Logo de manhã a Princesinha acordou ao barulho do povo que cantava e dançava pelas ruas.

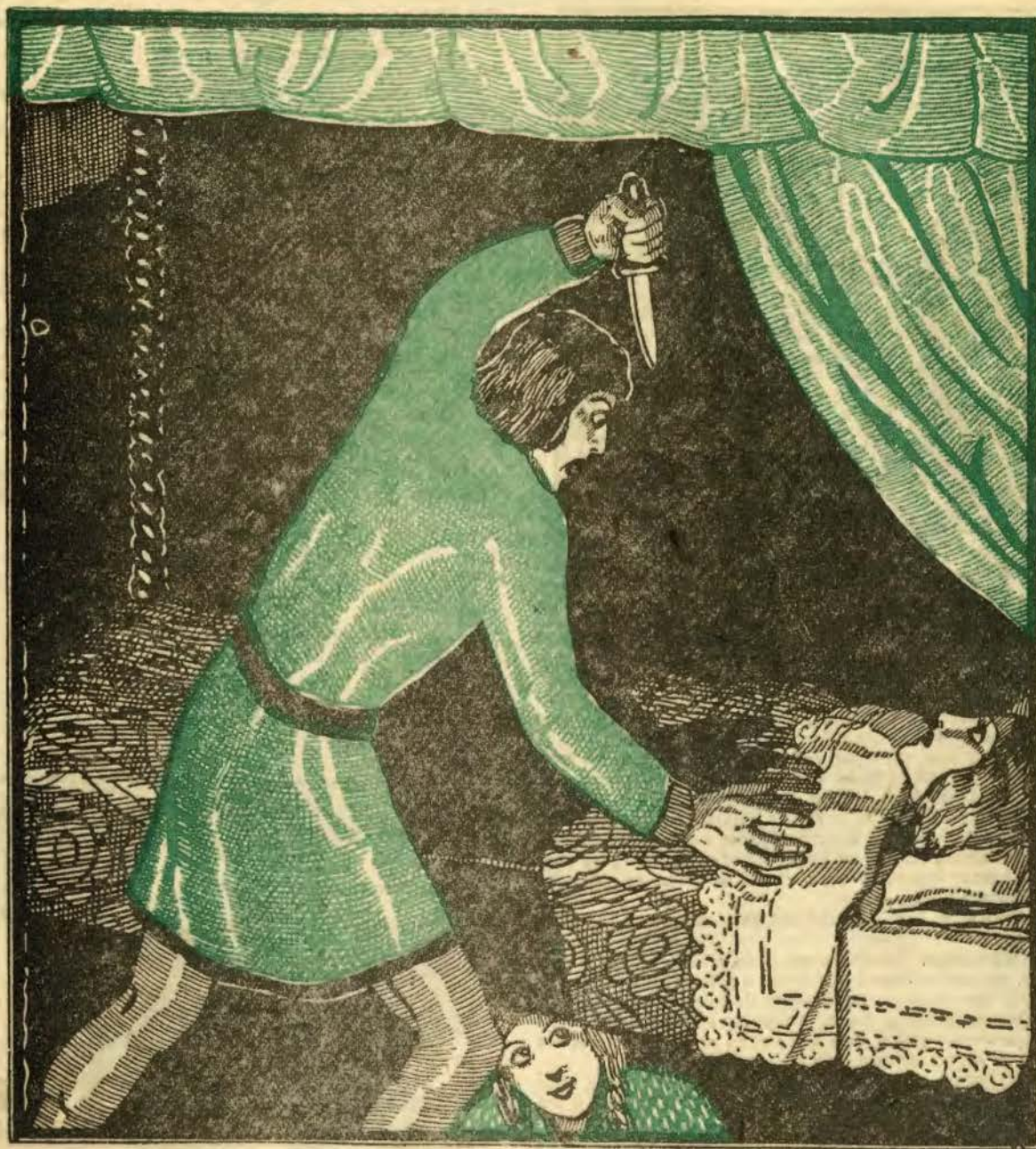
Ao meio dia, com o sol a pino, foi o casamento na capela do palácio, enfeitada e bela como nunca e, à noite,

depois de um lauto banquete, houve um enorme, animado e lindíssimo baile.

Ao meio da festa, a Princesinha saiu dos salões, sem que ninguém desse por tal, e foi para o seu quarto de noivado. Quando chegou lá, tirou duma arca uma cabeça de madeira, pintada, semelhante ao seu rosto, que mandara fazer a um grande escultor, e pôs-lhe um corpo de trapos a que vestiu roupas de baixo. Em seguida deitou-a, cobriu-a até à cara e, foi para debaixo da cama a esperar que o Príncipe viesse. Passados uns minutos ouviram-se passos fortes no corredor e logo a seguir, o Príncipe assomou à porta, pálido, transtornado e com os olhos de doido. Chegou ao pé do leito e alterado, nervosíssimo, começou a dizer:

— Lembras-te dos cabelos que tive de cortar por tua causa? Lembras-te do trambolhão que me fizeste dar diante de toda a corte?





Lembras-te da pimõta que me deitaste na bõca?
Lembras-te da cova que abriste no jardim para eu cair?
Lembras-te do Piopardo e do banho que me deste?

E o Príncipe esteve seguramente duas horas a lembrar todas as partidas que a Princesinha Lirú lhe tinha feito, enquanto ela, debaixo da cama, respondia a cada pergunta, numa voz muito sumida:

— Lembro-me... Lembro-me... Lembro-me...

Então o Príncipe, alucinado, tirou o punhal da cintura e cravou-o com quanta fôrça tinha na boneca de trapos, que êle julgava ser a sua prima.

E logo a Princesa fingindo uma voz de moribunda, gemeu:

Ha muito por ti, — que sorte! —
Andava de amores perdida...

E foste-me dar a morte,
Tu que me davas a vida!...

O Príncipe ao ver que sua prima gostava tanto d'êle, ficou como louco, de cabeça perdida por ter morto a mulher de quem, afinal, gostava ardentemente, e pensou logo em matar-se.

Elevou o punhal para o cravar em si mesmo, quando a Princesinha Lirú, aflita, safu debaixo da cama e correu a segurar-lhe o braço.

Então, uniram-se os dois num apertado abraço e choraram como crianças.

Dai por diante, nunca mais a Princesa fez uma partida ao Príncipe e foram o par mais feliz do mundo.

F I M

Continuação do conto «Triste aventura de Frei Bernabé»



suas compras, pôs ao lume uma frigideira com azeite para fazer filhó, e aos saltinhos fo' bater à portaria do convento.

— Está cá o sr. Frei Bernabé?

Veio frei Bernabé, e ela desfazendo-se em mesuras contou-lhe a mentira que tinha arranjado: que os compadres desejavam agradecer-lhe todas as despesas e trabalhos e que tinham pensado em convidá-lo para uma ceiazinha mais desafogada, e que se tinha combinado aquele dia, mas que os malditos afazeres, tinham obrigado o seu homem a ir à cidade e como a despeza já estava feita êle dissera: «—Olha Domingas, tu vais dizer ao sr. compadre que venha, que não faça cerimónia, porque eu hei-de fazer o possível para chegar a horas» e que, portanto, se êle aceitava, ao bater das Trindades, não faltasse.

— Mas o Sr. Frei Barnabé não se ofenda se eu lhe pedir uma cousa.

O frade que, tirante ser uma boa pessoa, era muito comilão, perguntou logo o que vinha a ser o pedido.

— E' que eu tenho muito medo de estar sôzinha; portanto, quando batem à porta, eu nunca abro sem ouvir o sinal combinado com o meu homem; eu pergunto — *tico*, êle responde *taco*; se vossa mercê fizer o mesmo...

Ora aquilo não era difícil — *tico-taco, taco-tico*, e foi cada um muito contente da sua vida, ela a dizer com o seu terço — Ora, graças a Deus, que o santinho do frade recebe algum obséquio do meu António, e êle muito alegre também, porque gostava de bons bocados, como é uso e costume entre os frades.

A' hora combinada, o frade bateu à porta com todos os cuidados e a sr.^a Domingas abriu-a muito satisfeita. Frei Bernabé, mal entrou, arregalou as narinas para cheirar os belos petiscos que estavam já na mesa. Eram tantos e tam bons que nem se poderam contar.

Havia já um bom bocado que estavam a comer, com muito prazer da comadre, quando subitamente bateram à porta. A mulher, porém, sobresaltou-se, e o sr. António, pois era êle, começou a gritar do lado de fóra com muito mau modo que lhe abrissem a porta.

A tia Barbuda desmaiou logo de susto, e como o frade, muito espantado, não abrisse a porta, o compadre moleiro arrombou-a e foi então uma cousa espantosa. O homem, ao ver tão bons acepipes e o frade ainda com a boca cheia, começou numa gritaria enorme e o compadre Bernabé, que cada vez percebia menos, dizia:

— Oh, compadre, o que é que vossemecê tem? Aconteceu-lhe alguma desgraça?

— E' que o sr. frade está a comer-me as minhas economias.

— Mas, oh meu amigo, pela sua boa sorte, diga-me o que houve?

— E' que você é um comilão.

— Oh, santinho, se lhe posso ser útil? se lhe posso servir para alguma cousa?...

— Ai, sim — disse o António muito encarnado, mais encarnado que um pimentão — pois venha vossemecê, já que está tão gordinho, ajudar-me a moer uns dois sacos de trigo, que há falta de vento e de farinha.

E dando muita pancada no pobre Frei Bernabé, atrelou-o à mó e fê-lo andar à roda até de manhã, sem parar.

No dia seguinte, o frade, quando entrou no convento, vinha mais moido e mais negro que se o tivessem posto no fumeiro.

O marido, depois de ter comido a ceia toda, deu muita bordoada na mulher, que esteve oito dias sem se poder mexer na cama, e muito triste da sua vida a lamentar o dinheiro gasto, que só servira para encher a barriga de um marido tam avarento. E impressionada com a desgraça que acontecera ao padrinho de seus filhos, não tinha outra ideia senão pedir desculpas por tanta má criação. E assim, estando tempos depois à janela, viu vir o frade montado numa mula, e, mal êle chegou ao alcance da voz, ela chamou:

— Oh! sr. Frei Bernabé, pschui!

Mas o frade, que tinha medo à pancada e ainda estava todo cheio de nódoas negras, respondeu muito carrancudo.

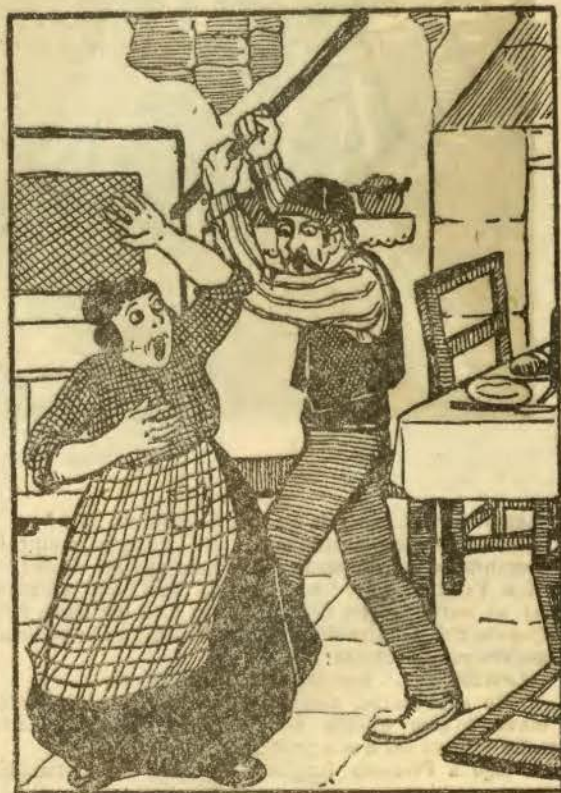
— Fique em paz, comadre.

— Ai! o compadre — disse ela — quando foi do *tico*, não respondeu assim.

Ele, então, voltou-se para ela e disse-lhe:

Nem *tico*, nem *taco*,
Quer-me lá à noite,
Para moer outro saco!?

E abalou pelo monte abaixo.



F I M

HORA do RECREIO

Ilusões de acústica

Quereis ter a ilusão de sinos badalando?

Pegai numa vulgar colher de prata, das de sopa, prendei-a pelo meio a um fio cujas extremidades sustentareis junto dos ouvidos, segurando-as com a ponta de um dedo de cada mão.

Feito isto dai à colher, formando pêndulo, um movimento de oscilação forte bastante para a fazer chocar contra um movel ou à beira de uma mesa. Tereis a mais perfeita ilusão do badalar grave de um sino.

Outra experiência:

Toda a gente tem ouvido o sibilar da água quando ferve, sibilar que se accentua à medida que a temperatura se eleva.

Quando se está diante de uma panela cuja água está prestes a atingir o seu ponto de ebulição, se tivermos o cuidado de apoiar a extremidade de uma vara de madeira sobre a pequena cartilagem anterior da orelha, de forma a tapá-la completamente enquanto a outra extremidade é posta em comunicação com a tampa da panela, ouviremos um ruído semelhante ao rodar de um comboio sobre a linha férrea.

Para tornar a ilusão mais completa, é bom tapar também a outra orelha para evitar os ruídos exteriores.

Apertando mais ou menos a varinha de encontro ao ouvido obteremos modificações de ruído que figuram perfeitamente as diversas intensidades do rodar do comboio, mais ou menos modificados por uma ponte, enfim as diversas irregularidades da linha.

Se o utensílio foi bem escolhido, no momento em que a água entre em ebulição, ouve-se então um ruído semelhante ao do comboio entrando na estação e passando sobre as placas giratórias.

Concerto Mágico

Esta experiência foi imaginada por Roberto-Houdin.

Consiste em fazer tocar instrumentos musicais, harpas, violinos ou apenas um piano, sem ser visto o executante.

O piano, isolado no meio da scena ou da sala, toca sozinho, sem mecanismo aparente pela influencia de uma força invisível, as mais endiabradas valsas.

O *trac* consiste em dissimular um verdadeiro piano, no andar inferior ou em qualquer outro lugar de onde o público não possa ouvi-lo.

Uma haste de pinho, poisada na meza de harmonia do piano invisível e terminando sob a caixa do piano imóvel, comunica as vibrações do primeiro ao segundo.

Afastando a vara de pinho deste último, a transmissão é interrompida e o piano cala-se.

Pode-se também comunicar as nossas ordens ao invisível executante por meio de um circuito de campainhas electricas e ordenar-lhe que toque ou que pare; este dispositivo fará uma extraordinária impressão no público que debalde procurará descobrir de onde veio a música que está ouvindo.



ADIVINHAS

I

Qual é coisa, qual é
Que toda a menina traz,
Que é um verbo, impérativo,
E onde se encontra o motivo
Porque toda a gente vê
Que é menina e não rapaz?

II

Indicativo, presente,
Dum verbo que é um deleite;
Não há menina decente,
Que o não traga como enfeito.

Decifrações do n.º 39:

- 1.ª — Homem honrado antes morto que injuriado,
- 2.ª — Quem dá o que tem a pedir vem.
- 3.ª — Tempo é dinheiro.

Este rei
está a chorar porque
lhe encantaram a rainha num papagaio.
Vejam os meninos se descobrem como era a cara da rainha.



Aventuras de Pim, de Pam e de Pum



Montado no seu jerico,
Eis Zé-Maria Trindade,
Por alcunha o Mafarrico,
Bem contra sua vontade.



Com seu aspecto casmurro,
Bonacheirão, muito mônio,
Escarranchado em seu burro
Já cambaleia com sono,



Vendo-o a dormir, Pam e Pum
Depois de várias apostas,
Resolvem colocar-lhe um
Grande letreiro nas costas,



Letreiro que assim dizia
A quem nêle os olhos punha:
— «Aqui vai o Zé Maria,
Mafarrico por alcunha!»



Mas qual não é seu espanto,
Acordando em seu jerico,
E escutando a cada canto:
— «Olha, olha, o Mafarrico!»



— «Que me terá sucedido,
(Diz Zé Maria intrigado)
Para ser mais conhecido
Que o Bernardino Machado?»

Já se encontra à venda o

IV VOLUME DA
Biblioteca PIM-PAM-PUM!

A MELHOR E A MAIS BARATA

LANTERNA MÁGICA

Contos maravilhosos por José S. Rau — Ilustrações de Eduardo Malta